

A Nova Europa: Questões Locais e Desafios Globais

Maria Fernanda Ruivo

Grupo de Leiria da Amnistia Internacional

E de repente – considerando o tempo histórico – a Velha Europa fez-se Nova. E é esta Nova Europa que, nas próximas décadas, se verá confrontada inevitavelmente com desafios tremendos. Desafios que, não lhe sendo específicos, determinarão definitivamente a sua consistência e coesão enquanto projecto com identidade, permitirão avaliar a sua dinâmica enquanto comunidade de nações, testarão a sua capacidade de liderança num Mundo onde se fez inevitável o processo de globalização.

Não falamos das lideranças que são paradigmas assumidos do modelo civilizacional e que, de um modo ou outro, sempre conduziram a convulsões violentíssimas dentro e fora da Europa: paradigma económico e geo-político.

Quando falamos de liderança da Nova Europa, queremos falar de liderança ética, de liderança pelo promoção dos direitos humanos dentro das suas fronteiras, mas igualmente de liderança exemplar pela solidariedade universal, pela promoção daqueles valores que a Humanidade necessita definitivamente interiorizar como vitais: justiça, solidariedade, liberdade, partilha.

Independentemente da vontade de afirmação económica no contexto das potências mundiais, ou de maior ou menor asserção no quadro geo-político, a Nova Europa deve assumir com urgência - e sem inibições - a sua vocação de defensora e promotora das liberdades individuais e da justiça internacional. Uma Nova Europa que, neste contexto, seja exemplar pela coerência que demonstre dentro das suas fronteiras e, logo a seguir, na sua relação com outros povos e Nações. Porque não há tempo a perder quando falamos do futuro da Humanidade. Saliento dois desafios. Um interno e outro externo.

Esta Nova Europa construiu-se abrindo-se à imigração, tornando-se cadinho de raças, povos e culturas diferenciadas. Como lidar com as diferenças e com o desenraizamento das gerações segundas? É essencial que a Europa avalie as melhores práticas e defina um modelo social de inclusão, que possibilite integrar a diversidade de culturas sem pôr em causa a sua própria matriz cultural. Projecto vital para os próximos anos, a não ser equacionado, permitirá abrir portas à conflitualidade social e violência gratuita, seguramente através do fortalecimento dos movimentos radicais com ideologia ou sem ideologia e, seguramente, neo-nazis. Nas opções estruturantes de carácter educativo, poderá residir o sucesso ou insucesso das iniciativas futuras.

Ainda por cima, às portas da Europa, milhões de africanos desesperados pela fome, guerra e doença, anseiam usufruir uma ínfima parte daquela riqueza que, em muitas situações, foi e é gerada à sua custa e, depois, delapidada e esbanjada. Controlar a imigração, impondo um “cordão sanitário”, erguendo barreiras de arame farpado que impeçam a entrada de vagas de “famintos”, serão sempre soluções que mais tarde ou mais cedo darão de si. São soluções sem futuro.

E como lidar sem equívocos e hipocrisias com a questão dos refugiados? Na realidade, a questão africana é um dos grandes desafios a enfrentar pela Nova Europa, nos próximos anos. É essencial deixar de pensar em África como palco privilegiado de jogos de poder de pendor neo-colonialista e, portanto, como fonte de riqueza, a explorar a qualquer custo. É vital para África e, por isso para o Mundo, que a Europa dê muito mais de si: partilhar mais da nossa riqueza e auxiliar desde logo, sem hipocrisia, as populações exauridas, bem como apoiar os regimes que favoreçam a democracia, sem esperar nada em troca. Controlar o fluxo de armas e impedir o comércio de produtos manchados de sangue, promover projectos de desenvolvimento equilibrados onde o acesso às novas tecnologias se apresente como recurso importante, são opções vitais para uma Europa com futuro. Trocas comerciais justas e

honestas, que preservem para as próximas gerações o património natural e cultural dos povos africanos, é, uma prioridade a ter em conta imediatamente. Também a partir de agora, o discurso oficial deverá ser igual ao da conversa privada e as opções diplomáticas não podem esconder manobras dos bastidores. Ruanda, Etiópia, Eritreia, Congo, Sudão... O que é necessário mais, quantas mais mortes e genocídios se justificam, até que a nossa consciência seja definitivamente interpelada?

Nesta Nova Europa, deverão ser os movimentos de cidadãos a garantir e forçar cada vez com mais audácia as prioridades das próximas décadas, através da pressão sobre os seus governantes, uma vez que, na maior parte das vezes, eles estão inibidos de actuar por constrangimentos políticos e económicos.

Nesta Nova Europa, os movimentos cívicos deverão alargar cada vez mais o seu espaço de Actuação e de pertinência. Associações, ONG(s), Movimentos de Solidariedade, têm que instigar à acção reivindicativa por um ideal de um Mundo mais justo, tornando-se impulsionadores das mudanças essenciais dentro de um modelo de desenvolvimento que privilegie como princípio fundamental de qualquer relação o benefício mútuo. Para isso é fundamental que os movimentos cívicos consertem a sua actuação a uma escala mais global, para que as suas acções sejam coordenadas, mediáticas e eficazes.

Nesta Nova Europa, Portugal pode e deve assumir um papel de interlocutor dinâmico com África, pelas raízes que o ligam a esse Continente e pela apetência e capacidade que muitas vezes damos provas no relacionamento com outros povos.

Definitivamente, coerência, honestidade, ajuda desinteressada, defesa intransigente da justiça e dos direitos, deverão estar na base do paradigma de actuação de Portugal e da Nova Europa. Porque não há tempo a perder.